

NOVOS ARRANJOS FAMILIARES NA CONTEMPAREIDADE: UMA PROPOSTA PARA A SALA DE AULA

Anderson Rany Cardoso da Silva

Marcelo Medeiros da Silva

Instituição de ensino: Universidade Estadual da Paraíba

Resumo: A partir de obras literárias que tematizam as reconfigurações familiares, a proposta que pretendemos apresentar, neste trabalho, tem o intuito de contribuir para a reflexão acerca dos modelos de família existentes em nossa sociedade, discussão essas a que não se pode furtrar a escola hoje em dia. Para balizar a nossa proposta de intervenção, além da experiência adquirida como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), recorreremos às contribuições teóricas de Facco (2009), Mello (2005), Grossi, Uziel e Mello (2007), e Silva e Ribeiro (2013), para os quais o conceito de família transcende o que já está arraigado socialmente, e às orientações metodológicas de Cosson (2006), que procuram pensar em uma metodologia própria ao exercício da leitura literária para a sala de aula com vistas à formação de leitores. Com a presente proposta, esperamos contribuir para aqueles professores/as que procuram desenvolver práticas que possam não só formar leitores, mas sujeitos que, em sendo leitores, sejam também abertos à diversidade e à pluralidade que nos institui e nos constitui. Conseqüentemente, assumimos uma postura política em prol da oferta de um ensino que, por meio do contato efetivo com o texto literário, forme sujeitos mais humanos, no sentido emprestado a tal termo por Candido (1995).

Palavras-chave: PIBID, Parentalidades, Formação de Leitores.

INTRODUÇÃO

O presente texto é fruto das nossas ações como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (*doravante* PIBID) e reportar-se-á a uma proposta de atividades que, voltadas para a prática de leitura do texto literário, esteve centrada na reflexão e discussão de temas que dificilmente circulam no ambiente de sala de aula, tais como sexualidade, preconceito racial, violência, novas formas de configuração familiar. Sobre este último é que o presente trabalho se deterá, não só pela relevância da temática, mas, sobretudo, porque, quando em sala de aula, nos rendeu resultados significativos para nós como professores em formação inicial, bem como para os/as alunos/as com quem trabalhamos.

Nosso objetivo principal é, pois, a apresentar como abordamos em sala de aula a temática da reconfiguração familiar, assunto da ordem do dia em virtude de vários aspectos que vão desde a problematização acerca do que se entende por família até a luta pelo reconhecimento de famílias que não pertencem ao que hegemonicamente se entende por família e são estigmatizados em virtude de crenças e valores culturais e sociais que não legitimam como positivo o que lhe é diferente. Por fim, acreditamos que podemos, a partir do debate em torno do texto literário, tornar a sala de aula um espaço para o fomento da reflexão sobre o cultivo e o respeito à diferença e com isso possibilitar

aos alunos conhecerem outros laços de parentalidade diferentes daqueles a que eles/elas estão acostumados.

DENTRO DA VIDA, FORA DO TEXTO: LEITURA, FAMÍLIA E LITERATURA

Embora tomemos apenas um único modelo como parâmetro para pensar e definir o que é família, há em nossa sociedade uma diversidade de laços de parentela. Até mesmo acerca desse modelo que serve como padrão, a família nuclear burguesa, há uma miríade de construções imagético-discursivas:

O reforço do estereótipo do modelo tradicional de família também é frequente. Na mídia, como nas propagandas de margarina, xarope ou de comida congelada, essa prática é usual. A mulher (branca) chega do trabalho, vestida de executiva e, com um sorriso com dentes perfeitos, esquentando, no micro-ondas, a lasanha congelada, enquanto a família (geralmente um homem bonito, branco, ainda de gravata, e um casal de crianças brancas, lindas e quietinhas) aguarda sentada à mesa (FACCO, 2009, p. 104).

Nessa perspectiva, nosso intuito com esse trabalho não é reforçar o estereótipo de uma família alicerçada em papai, mamãe e filhos, mas sim contestar a ideia de um modelo único de família, uma vez que, na esteira de Devreux (2009, p. 96), a família “é um campo, um espaço social, cujo funcionamento não se pode compreender a não ser levando-se em conta articulações com outros campos”. Em outras palavras, não é viável fecharmos nossos olhos para uma única e exclusivamente formação familiar. Família vai muito além de uma formação entre cônjuges, “é uma rede de solidariedades” (DEVREUX, 2009, p. 96). Nossas intervenções procuraram, pois, mostrar que família é um conceito complexo que vai além do modelo que é tomado como padrão.

Deste modo, a escola é um microcosmo da sociedade, onde encontramos uma diversidade de famílias e pessoas, já que, como aponta Facco (2009), o universo escolar é o lugar do diverso não só quando o assunto é a expressão dos pensamentos, mas, sobretudo, pela presença de sujeitos que circulam em seu interior. Dessa forma, se a escola é o lugar do diverso, quais os motivos que fazem, então, com que assuntos que envolvam a diversidade sejam evitados em âmbito escolar? Como educadores, precisamos assumir uma postura política que parte do pressuposto de que compete à escola fomentar a consciência crítica de seus/suas alunos/as e ensiná-los/as a desconfiar do que é naturalmente aceito. Em outras palavras, é necessário que “a escola, educadores e educadoras assumam a tarefa de combater os preconceitos e as violências, construir o respeito à diversidade e à equidade de gênero através de práticas educativas [...]” (SANTOS, 2013, p. 439).



Sendo a escola o ambiente da diversidade, o trabalho com o texto literário pode viabilizar que essa diversidade circule na sala de aula ampliando os horizontes de nossos alunos e fomentando o respeito ao que é diverso. Pensando em práticas que valorizem a diversidade e cultivem uma educação plural, é que passaremos a apresentar a proposta que realizamos com alunos do ensino fundamental e que teve como tema as configurações familiares na contemporaneidade.

Inicialmente, a nossa proposta começa com a realização de uma atividade de motivação que visa preparar os alunos para as demais etapas. Para este momento inicial, propomos a realização de um *bingo*. Para tanto, deve ser solicitado que cada aluno escreva cinco palavras que representem o/a principal responsável da família deles/as. Depois, cada aluno/a precisa se posicionar no lugar da figura a quem eles/as no primeiro momento da dinâmica descreveram com cinco palavras e escrever cinco palavras que, segundo a óptica da figura familiar escolhida, definiram-nos/nas como filho/filha. Enfim, como parente da figura familiar escolhida. Em seguida, o bingo deve ser iniciado quando todas as palavras estiverem redigidas. Para tanto, o professor fica responsável por sortear as palavras e os/as alunos/as que, em cartela redigida por eles/elas mesmos/as, tivessem todas as palavras sorteadas ganham a brincadeira. Vejamos, assim, algumas cartelas confeccionadas durante a nossa intervenção, a título de ilustrar como foi feito o processo:

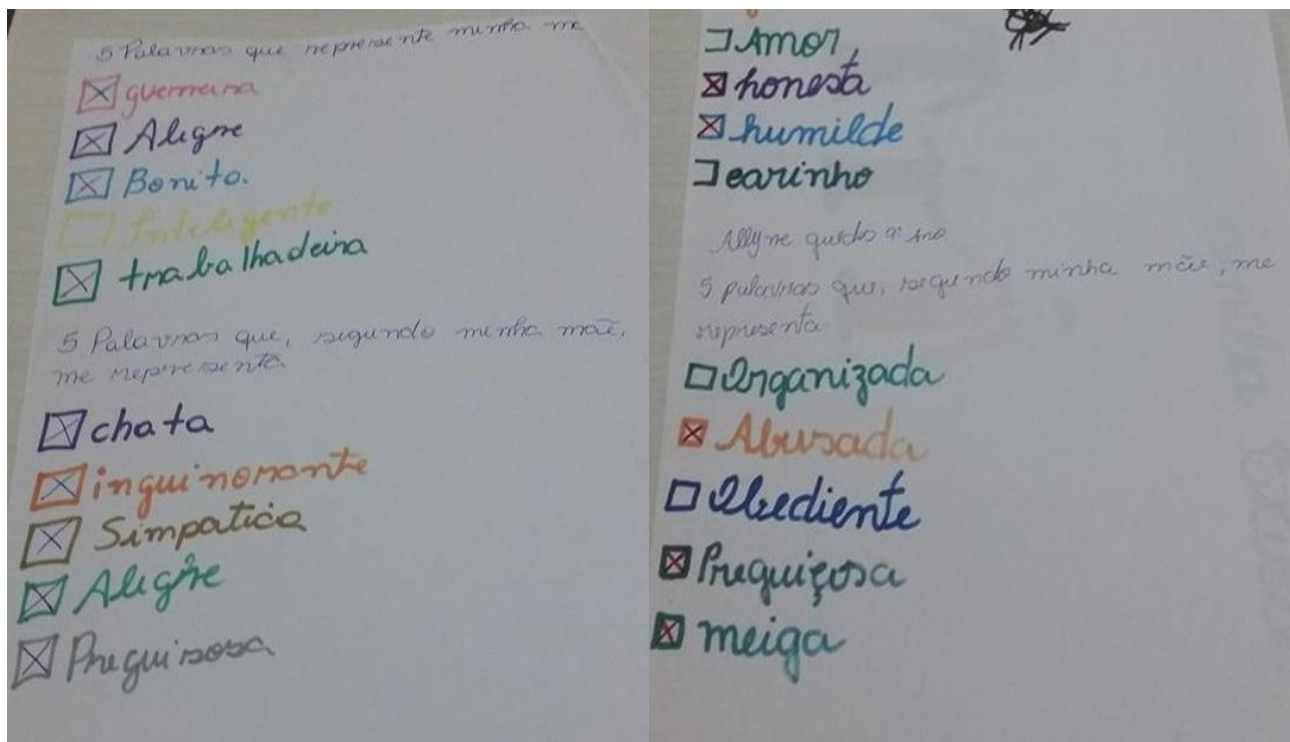


Figura 1 Cartela do bingo.



Após a realização do bingo, momento em que os/as alunos/as já devem estar no clima da temática, partimos para a leitura do texto literário. Escolhemos, como primeiro texto de nossa sequência, o conto *A caolha*, de Júlia Lopes de Almeida, o qual foi publicado, originalmente, no volume intitulado *Ânsia Eterna*. Com foco narrativo onisciente, a fábula desta obra trata da relação familiar entre mãe e filho marcados pela extrema pobreza. Ela é mostrada como uma mãe muito abnegada, para quem o filho é a razão de sua própria existência. Entretanto, apesar da devoção da mãe, o filho sente vergonha dela em virtude não só do defeito físico que ela traz e que é motivo da alcunha que recebe, mas também do aspecto grotesco que a mãe apresenta porque:

A caolha era uma mulher magra, alta, macilenta, peito fundo, busto arqueado, braços compridos, delgados nos pulsos: mãos grandes, ossudas, estragadas pelo reumatismo e pelo trabalho; grossas, chatas e cinzentas, cabelo crespo, de uma cor indecisa entre o branco sujo contato e o loiro grisalho, desses cabelos cujo contato parece dever ser áspero e espinhento; boca descaída, numa expressão de desprezo, pescoço longo, engelhado, como pescoço dos urubus; dentes falhos e cariados (ALMEIDA, 1940, p.114).

A protagonista, apesar de aspecto repulsivo e grotesco descrito acima, é apresentada, ao longo da narrativa, como uma mulher cujo modo de ser e de existir está coerente com o postulado patriarcal, visto que, mesmo diante das ingratidões do próprio filho, ela é uma “boa” mãe. Ou seja, cuida do filho, tem-no como a razão de ser de sua existência, já que a maternidade é o destino da mulher. Não importa se será reconhecida ou não por cumprir esse destino. Ela tem de segui-lo com abnegação.

Se o propósito era a formação de leitores reflexivos, então, é de suma importância discutir o texto que circulou em sala. Após a leitura do conto, deve-se proceder à discussão sobre ele. Sugerimos que esse momento a ser guiado pelo professor seja conduzido a partir de um conjunto de questões previamente formuladas, as quais devem procurar levar os/as alunos/as a refletir não só sobre aspectos estruturais da narrativa (tais como, caracterização das personagens, identificação da voz narrativa) como também avaliar o comportamento dos personagens e as relações de afeto existentes entre eles e, por fim, pensar acerca do modelo de família representado na narrativa de Júlia Lopes de Almeida.

É válido ressaltar como foi feita a leitura do texto literário com os alunos, uma vez que, de acordo com Geraldí (1997, p. 168), “a primeira pergunta a fazer [...] é para que se lê o que se lê?”. Dessa forma, é preciso iniciar uma leitura com algum intuito em mente. Nesse sentido, pode ser realizada como atividade inicial a exploração do título por parte dos alunos. Ou seja, o que eles

entendem acerca do título da narrativa *A caolha*”. Assim o professor poderá ver qual o conhecimento prévio que os alunos têm sobre a temática que irá circular em sala de aula. A partir do levantamento de hipóteses acerca do título, podemos empreender outras inúmeras discussões sobre temas relevantes, como quais os padrões de beleza que são impostos social e culturalmente, até que podem tais padrões podem fomentar preconceitos, entre outras discussões.

Dando continuidade, após a leitura e discussão, feita através de um questionário, do conto, deve-se pedir os alunos que desenhem suas famílias para que a partir desses desenhos se possa refletir se eles pertencem ao modelo familiar social e culturalmente legitimado. Depois, os desenhos devem ser expostos em sala e cada aluno/a precisa apresentá-los para os/as demais. Esse é o momento em que as semelhanças e as diferenças acerca do que é e como se configura a família devem vir à tona. Nesse momento, espera-se que os/as alunos/as reconheçam a que modelo de família pertencem. Logo após, tomada a consciência de que não existe apenas um único modelo de família, deve-se pedir outra atividade que envolve a prática do desenho. Desta vez, sob a denominação *#MinhaFamíliaExiste*, solicita-se aos alunos que desenhem famílias que fogem ao que é tomado como padrão familiar em nossa sociedade.

É válido lembrar que essa proposta de intervenção para o ensino fundamental não se encerra na produção escrita ou na produção dos desenhos. A fim de ampliarmos o horizonte de leitura de nossos/as alunos/as, sugerimos a leitura de mais duas obras que tratam da temática em questão. Trata-se de *Meus dois pais*, de Walcyr Carrasco, e *Flor e rosa: uma história de amor entre iguais*, de Benilda Brito:



Figura 2 Livros que relatam a formação de famílias que fogem da ordem social e cultural



Para a discussão desses textos, propomos a leitura e em seguida a discussão sobre as obras a partir de perguntas previamente formuladas pelo/a professor/a, as quais devem servir como guia para a discussão e procurar levar os alunos a analisar não só aspectos estruturais da obra, mas também temáticos. Enfim, as questões devem procurar conduzir os/as alunos/as no processo de interpretação das obras.

Nessa perspectiva, a leitura pode ser trabalhada da seguinte maneira: inicialmente, explorando as imagens do texto, já que ele é bastante ilustrado, a fim de que os alunos possam lê-las independentemente do texto verbal. Com isso, pode-se despertar a competência leitora dos alunos para textos não-verbais, bem como sondar a recepção da temática a ser trabalhada, visto que os alunos não só irão ler as imagens/ilustrações do livro, mas também irão, oralmente, criar uma história a partir da sequência de imagens/ilustrações que lhes serão apresentadas. Depois de concluída essa etapa de interpretação de ilustrações, deve-se levar o texto na íntegra com o intuito dos alunos notarem as semelhanças e diferenças entre a história que eles inventaram graças à visualização de imagens e a história propriamente dita.

Depois de realizadas as leituras e interpretações dos livros indicados acima, deve ser feito um trabalho que visa confrontar a representação de família que é divulgada constantemente pela mídia e que, por diversos aparelhos ideológicos, é tomada como referência, padrão único em torno do qual tudo o mais gravita. Diante disso, é importante que sejam levados para sala de aula alguns vídeos e fotos que retratem, por exemplo, o preconceito sofrido pelas famílias que fogem do padrão. Com isso, objetiva-se levar os/as alunos/as a pensarem o qual difícil é romper com a ordem do discurso vigente e procurar migrar da margem para o centro, não para ocupar o lugar daqueles que sempre estiveram em evidência, mas para se ter uma possibilidade de vez e de voz.

Em seguida, a turma pode ser levada a confeccionar cartazes que mostrem a importância do respeito à diversidade. Esses cartazes devem ser socializados, primeiramente, na sala de aula e depois por toda a escola. A exposição dos cartazes em outros espaços da escola é uma forma não só de mostrar o trabalho realizado pelos/as alunos/as, mas dar a conhecer às demais pessoas da comunidade escolar os diversos tipos de arranjos familiares bem como alertá-las acerca da necessidade de combate a todas as formas de preconceito com vistas a formação de uma sociedade que valoriza e fomenta a pluralidade.

Por fim, sugerimos a realização de uma palestra a ser proferida por um/a especialista no assunto. A intenção é que, desse momento, participem não só alunos, professores e gestão escolar,



mas também os pais dos alunos e demais pessoas fora da comunidade escolar.

Ao final da aplicação dessa proposta, alguns objetivos podem ser alcançados, caso o trabalho em sala de aula seja persistente e tente quebrar aquilo que sempre esteve no campo da ordem e da norma: conhecer as diversas configurações familiares que ainda são desconhecidos pela maioria dos alunos. Pensar/saber que não existe apenas uma forma familiar. Discutir acerca dos problemas gerados pelo preconceito sofrido por famílias que não são consideradas “normais” pela sociedade atual. Tentar expandir os horizontes dos alunos acerca sobre as diversas formas de amar. Logo, é a partir desse caminho que essa proposta deve ser guiada, não somente para ocupar tempo em sala de aula ou para cumprir com os protocolos curriculares que na escola circulam, mas também para tentar deixar nos alunos as inúmeras possibilidades de enlances sociais que há hodiernamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante destacar que a temática que move a nossa proposta precisa, ainda, circular no ambiente escolar, uma vez que a escola não é uma redoma de vidro alheia à vida, ao mundo lá fora de onde vêm e vivem os/as alunos/as que pela escola circulam. A discussão em torno dos rearranjos familiares e das outras formas de parentela advém ainda da necessidade da escola de extrapolar os limites do heterocentrismo familiar, visto que, como “as expressivas transformações sociais, políticas, culturais e econômicas do último século têm afetado, sobremaneira, a família” (MELLO, 2005, p. 27), essas mudanças precisam ser conhecidas por nossos/as alunos/as a fim de que possamos formar cidadãos e cidadãs críticos/as, mas, principalmente, abertos à diversidade, ao respeito à diferença.

Além disso, para o tempo em que vivemos, de instabilidade política, social e cultural, a proposta se torna, portanto, um afronte à ordem e ao discurso de normatividade que sempre esteve presente na vida de todos/todas, que hoje, acima de tudo, vêm se fortalecendo a partir do fomento de ideias retrógradas e que não condizem com a realidade que nos cerca. Sendo assim, a proposta de intervenção, que inclusive foi aplicada em uma turma de nono ano de escola pública, não é somente um simples cumprimento das ordens do programa institucional que foi citado anteriormente, mas sim uma forma de resistir, no ambiente escolar, àquilo que sempre foi imposto pelos currículos escolares.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. A caolha. In: _____. **Ânsia eterna**. Rio de Janeiro: A Noite, 1940.

ALMEIDA, Miguel Vale de. O casamento entre pessoas do mesmo sexo. Sobre “gente remotas e estranhas” numa “sociedade decente”. In: GROSSI, Mirian; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz (orgs.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 153-168.

ANDRADE, Andreza de Oliveira. A educação que se pergunta pelo corpo: debatendo gênero, sexualidade e homofobia na escola. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da; RIBEIRO, Maria Goretti. **Rumos dos estudos de gênero e de sexualidades na agenda contemporânea**. Campina Grande: EDUEPB, 2013. p. 417-428.

BRITO, Benilda. **Flor e rosa: Uma história de amor entre iguais**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2011.

CARRASCO, Walcyr. **Meus dois pais**. São Paulo: Ática, 2010.

DEVREUX, Anne-Marie. Contra o modelo único de família. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; DOARÉ, Hélène Le; SENOTIER, Danièle. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.96-102.

FACCO, Lúcia. **Era uma vez um casal diferente: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil**. São Paulo: Summus, 2009.

GERALDI, João Wanderley. A leitura de texto. In: _____. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 165-179.

MELLO, Luiz. Matrimônio entre pessoas do mesmo sexo na Espanha. Do perigo social à plena cidadania, em quatro estações: In: GROSSI, Mirian; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz (orgs.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro:



Garamond, 2007. p. 169-188.

MELLO, Luiz. Para além do heterocentrismo na família. In: _____. **Novas famílias**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 25-50.

PASSOS, Maria Consuêlo. A constituição do parental na família homoafetiva. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da; RIBEIRO, Maria Goretti. **Rumos dos estudos de gênero e de sexualidades na agenda contemporânea**. Campina Grande: EDUEPB, 2013. p. 299-307.

SANTOS, Anita Leocádia Pereira dos; LIMA, Debora Michele Sales de; GOMES, Deivide Eduardo de Sousa; LIMA, Gleicy Deise Santos; MENDES, Rodrigo Cirino. Relações de gênero e homofobia nas escolas: um estudo no brejo paraibano. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da; RIBEIRO, Maria Goretti. **Rumos dos estudos de gênero e de sexualidades na agenda contemporânea**. Campina Grande: EDUEPB, 2013. p. 429-440.